



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 9 de Julho de 1983 * Ano XL — N.º 1026 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

16 DE JULHO

Motivo de alegria e festa. Ocasão para, sériamente, revermos nossa vida à luz da doutrina de Pai Américo. Esta não envelheceu. Continua actual e, infelizmente, tem campo propício e vasto para sua aplicação. Ainda há pouco alguém nos sugeriu que levássemos a Obra da Rua para o Brasil, onde, só na cidade de S. Paulo, vagueiam quinhentas mil crianças. Apareçam, sim, jovens sacerdotes e senhoras mães...

Rever é olharmos com atenção nossos passos e verificarmos se estão de acordo com a doutrina e mística da Obra.

Nem tudo está certo. Muitas omissões, de facto. Sim a a recta intenção, o esforço constante e a certeza de que o Senhor tem colmatado as falhas. E vai continuar presente e certo em nossas fraquezas... Tem mais carinho por

elas que pela «força dos cavalos».

Só Ele não falha. Assim nós tenhamos fé e o nosso agir seja sempre em Seu nome.

«Ó povo de Israel, ficai sabendo que é tudo em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes» — disseram os Apóstolos.

«Desta sorte e com esta suprema convicção, é que os meus sucessores se hão-de apresentar diante das autoridades e dos homens em geral, sempre que haja necessidade de lhes contar o que está feito ou de lhes pedir auxílio para fazerem mais» — disse Pai Américo quando fez 16 anos que a Obra nasceu e foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus.

Santa loucura este caminhar e mergulho confiante — renunciando a tudo e a nós mesmos em Seu Nome!

Foi assim Pai Américo. Esta a linha do testamento que nos deixou.

Ei-lo:

«Os padres da rua não têm residência. São pobres, pobres por devoção.

A vida deles é o mergulho total, o desprendimento absoluto, o desejo de ser pobre e de sofrer a pobreza.

Eles são dentro da Obra o toque espiritual das almas.

São, por natureza, o pai de família, o homem aflito — e os servos de Deus.

Pertencem, igualmente, à Obra aquelas senhoras que deixaram tudo para se darem e gastarem ao seu serviço.

Os rapazes que fundiram nela as suas vidas.

Consideram-se também da família aquela imensa legião de amigos que, com seu amor, ajudaram a realizar e todos aqueles por quem a Obra é e a quem serve.

A Obra prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os sem família.

O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza.

É proibido aceitar heranças.

Construam-se casas de habitação e entreguem-se sem renda aos que delas necessitam e abrigos para os Doentes incuráveis que não têm onde viver e onde morrer.

A Obra é uma correspondência à fome e sede de Justiça.

A nossa audácia é sem limites, tal como a confiança.

O meu testamento é uma afirmação do Eterno.

Eis... para todos nós meditarmos, neste 27.º aniversário da sua morte, o testamento que Pai Américo nos deixou.

Como ele é actual, audacioso e evangélico!

Mas a pedra preciosa do seu testamento foi, sem dúvida, o testemunho de sua vida na visita persistente e silenciosa aos bairros pobres.

Foi subindo e descendo as escadas carunchosas do Barredo que ele ganhou coragem e cavou as fundações da Obra.

Ainda temos pobres conosco... nesta sociedade de consumo, com mercados abarrotados de tudo e supermercados a transbordar?!

«Pobres teréis sempre conosco.»

E apesar de tantos bairros



— quase cidades — que nasceram sem norte e sem beleza, continuam de pé e a crescer em força os bairros de lata — à beira-Douro e no centro de Lisboa.

Algumas ideologias e certas camadas sociais baniram a palavra pobre e escreveram — marginal. Mas desconhecem também os marginais; e que estes são pobres que esperam

a nossa compreensão, carinho e ajuda.

Não tenhamos medo da palavra pobre. Vamos escrevê-la com letra grande: Pobre.

Cristo fez-Se Pobre.

Ai de nós Igreja... Ai de nós Obra da Rua... se não formos pobres, dando, no quotidiano, a mão aos nossos companheiros!

Padre Telmo

Terceira edição do livro «OBRA DA RUA»

Um grupo está atarefado na expedição do livro OBRA DA RUA. Tudo gira sobre carris. Vale a pena ver esta azáfama! Tanto, que pedimos a discreta visita dos nossos Padres para sentirem o calor do espírito — que não tem a ver com o meteorológico — a fim de saborearem melhor os hossanas, até uma ou outra **desancadela...** que surja, dos leitores.

Na anterior edição de O GAIATO incluímos postais RSF (resposta sem franquia) para motivarmos os Amigos que ainda não possuam obras da nossa Editorial. Basta anotar, com uma cruz, o livro ou livros desejados; escrever o nome e morada com letra bem legível; e depois colocar o dito postal no marco do correio. Muito simples! Entretanto, a remessa baterá à vossa porta, pela mão do carteiro. E quando se desobrigarem (recado que vem do lado), pois a edição supera os oitocentos contos, indiquem o vosso nome e

morada como vão marcados na embalagem do OBRA DA RUA. Assim, evitamos problemas e charadas difíceis de decifrar... Os ficheiros estão dispostos por ordem alfabética. Se falhar um ou acrescentarem outro apelido ou apelidos, provoquem dificuldades. São mais de cinco mil fichas!

Hoje, pouco mais vamos adiantar, que o livro fala por si. Tem a marca de Pai Américo, que faz a história da Obra da Rua até às vésperas da sua ida para o Céu (1956), onde usufrui o cem por um do Evangelho.

No entanto, sendo uma terceira edição, actualizada, outros referem no livro, também, a vida e crescendo da Obra da Rua para além de 1956 — na linha dos Actos dos Apóstolos. É uma edição fundamental para melhor análise da Obra da Rua. E para além do leitor comum, interessa a muita gente dedicada a problemas pedagógicos e sociais.

Júlio Mendes

EVOCAÇÃO

Vinte e sete anos de Saudade — tão humana!

Hoje, lembramos Pai Américo com mais solenidade.

Ai das famílias — ai das nações — se esquecem os seus Maiores!

Queríamos dizer muito; não olhar a naturais restrições! Em Pai Américo — Homem e Sacerdote — ressalta «alguma coisa que não é comum encontrar-se e que o situa em posição de singularidade em relação à conduta normal do género humano». Vivemos e sentimos muitas facetas singulares da

sua vida! Fervem em nossa alma. São luz que alumia. Ele fez, na verdade, «o que muito poucos seriam capazes de fazer»! Por isso, um admirado de si próprio, reacção expressa no ponto de admiração que sempre acrescentava à assinatura, testemunho de Humildade por quanto o Senhor operava em suas mãos.

Pai Américo — em toda a acção sacerdotal e paternal — «une o homem novo do século XX; nascido do diálogo, na

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma Viúva jovem que, no reago, cria três filhos com muito amor.

O lugar dos filhos é ao pé da mãe! Tem havido pessoas amigas — vivendo na solidão — que nos pedem crianças pobres, orfãs, e filhos de fora, como diz o povo. Aonde e como, se, por estas bandas, duma maneira geral, e graças a Deus!, as pobres mães ainda cumprem o seu dever, escrupulosamente, até ao fim!? Benditas sejam! Mais benditas pela lição que dão ao Mundo d'hoje — virado do avesso! Até mesmo aquelas mulheres solteiras, que um dia tropeçaram... e não mataram o fruto do seu ventre, até essas recusam desfazer-se dos filhos, que o lugar deles é ao pé da mãe!

Hoje, Pai Américo continuaria a Lição com a mesma temática de há quarenta anos!

No caso vertente, a Viúva recebe apenas quatro mil escudos de pensões de sobrevivência: três e pico do Montepio dos Servidores do Estado, cerca de 500\$00 (parece anedota!) do Centro Nacional de Pensões!

Como sobrevive ela mai-los filhos!? Pelo trabalho artesanal, no domicílio; pela constante ajuda (vultosa...) dos nossos leitores. Ainda agora, deprimida, aborda-nos pelo valor duma consulta para a filha, num especialista. Aliviámos a carga. «Como Deus é Amigo!...» — desabafa em oração. Não deixa, porém, de fazer uma queixa pertinente, justa: «Tão pouco arrecebo... deles!... (delas Caixas), e ainda por cima tenho de pagar consultas!...»

Fica o desabafo, qual diagnóstico da situação das Viúvas pobres. Elas que, pela sua condição, mereceriam ter o mínimo indispensável.

● Primeiro, Justiça; depois, Caridade.

Por isso, quando os problemas surgem — e temos de botar a mão — a primeira coisa é saber os direitos de cada um. E depois, só depois, procuramos suprir o que outros não fazem — ou teriam obrigação de fazer.

Agora, temos o caso de outra Viúva, já idosa, cujo marido mal descontou para o Seguro Social. Em tempos, requereu pensão de sobrevivência. Devolveram-lhe os magros descontos capitalizados!

«Eu não q'ria sobrecarregar os meus filhos!» — desabafa com lágrimas nos olhos. «Não q'ria! Mas sim ter alguma cousinha, em meu nome, com a Graça de Deus. Ainda que pouquinho...! O meu home morreu há tanto tempo...!»

Requeremos, logo ali (que papéis não faltam), a pensão social.

A problemática das Viúvas idosas é tão dolorosa, económica e socialmente, como a das jovens! Se há mulheres que merecem respeito, muito respeito, são elas, as Viúvas! Quanto mais lhes dermos a mão, melhor. Deste modo transformamos a imagem de muitas famílias crucificadas, que se não queixam à «flor da pele» — como outros fazem «por dá cá aquela palha»!...

● Aqui e ali... temos de sacudir o pó das sandálias e seguir em frente. Não vivemos num mundo ideal, mas neste, onde nos situamos, de fluxos e refluxos, de luta permanente entre o bem e o mal.

Há Pobres que escandalizam certos fariseus...! Sempre os houve e haverá. São os verdadeiramente Pobres.

Atirar-lhes pedras, não senhor! Mas abrir caminho: esclarecer, semear; hoje, amanhã, depois... A colheita não é connosco!

O serviço dos Outros não é paternalista nem milagreiro... É o que é: discreto, sereno, fundamentado na vivência da Caridade cristã que liberta, que promove — que não se confunde com caridadezinhas... de submissão.

Não é fácil compreender esta linha! Por isso mesmo, Pai Américo aconselha: «A Caridade jamais se rebaixa, por muito que se humilhe; e possui tal poder que em qualquer parte desponta. Lidamos com almas; os Magistrados com crimes.»

● «Ele não q'ria morrer sem ver a luz entrar na casa!» Foi a saudação da mulher ao abrir a porta para visitarmos o marido — em duro purgatório para entrar no Reino dos Céus.

Ali, naquela moradia que trouxemos d'África, já se antegoza o benefício; e noutras, idem.

São horas grandes quando nos abeiramos destes Cristos crucificados! Este, mal pronuncia uma palavra. No entanto, fala outra linguagem bem mais expressiva: mãos erguidas para o Alto. Mãos trôpegas, esbranquiçadas pelo calvário jacente, nas quais ainda se notam calosidades de uma vida de trabalho, de sol a sol. São pedras que seguram o Mundo!

Depois, fomos para outras bandas; a um grupo de moradias debruçadas sobre o Vale do Sousa, cujas dedicatórias — levradas no granito — são gotas de sangue que o tempo não corrói porque assentes em Verdades eternas.

— Q'ra luz venha logo que possam! É uma riqueza p'ra todos nós!

Ele e ela, animhados na cama, levantaram-se como um foguete. «É uma riqueza p'ra todos nós!» O sentido dos Outros, do bem-comum!

Noutra moradia, dois irmãos já velhos, incontinentes, também estão que nem um sino! Respiram higiene. As roupas cheiram a sabão. A lareira é vida!

«O Inverno será mais doce, q'ando tivermos luz!», exclama um deles como no tempo em que, aos serões, cantava nas desfolhadas.

Aquela tarde de Junho, quente, serena, adoçada pela sombra do arvoredo, pelo aroma das flores, pelo cantar dos passarinhos — e mãos erguidas para o Céu — foi um banho espiritual!

● PARTILHA — É uma procissão repleta de dedicatórias!

«Assinante 13519 (do Porto) envia 2.000\$00 em acção de graças pelo quase completo restabelecimento da doença que a afectou, para ajudar uma doente da vossa Conferência». Assinante 19177, também da Invicta, duas vezes 200\$00 «para o que mais precisardes» — e «até ao mês que vem, se Deus quiser». Perseverança cristã!

Alcanena: «Uma migalhinha para os Pobres» e «um abraço amigo», já retribuído, Vultoso cheque de um profissional de seguros que recomenda seja «aplicado, conforme entenderem mais necessário», por dois sectores. Cumprimos. Assinante 16301, de Águas Santas, 800\$00. «Uma portuense qualquer» com a «migalhinha relativa do mês de Maio». Mais perseverança: Vale de correio de uma Lisboa — «como costume fazer trimestralmente, pedindo desculpa de ser tão pouco». Agora, um hossana ao nosso Deus «pela alegria que me é concedida de voltar à vossa presença» — 1.000\$00. «Lecista da Figueira», 250\$00 em «sufrágio da minha querida avózinha». Assinante 15445, de Algueirão, 1.000\$00 — «referentes aos meses de Maio e Junho» — que gostaria «fossem entregues a uma senhora idosa, doente e bastante necessitada». Cheque de Maxial (Oeste) para «muita gente que precisa de auxílio». Visitante assídua entrega, em nossas mãos, 1.000\$00 «por alma dos meus familiares» — disse. Os habituais 10 rands, de Durban. O costume de bom Amigo, do Fundão. «Uma mãe e avó», do Porto, manda um conto e pede «uma oração». Voltámos a cumprir. Portela da Ajuda, Lisboa, cheque para um problema referido na edição de 11 de Junho. «Uma pequena lembrança», de Belazaima, e um voto ao Senhor Jesus: «Agradecei connosco os bons resultados escolares dos nossos filhos, acompanhando-nos no pedido que Lhe fazemos: que não os deixe perder no meio do mundo egoísta em que temos de viver». Vilares (Vila Franca das Neves), 500\$00. Cruz de Pau, um óbulo da Viúva que pede orações por alma do marido. Cabeceiras de Basto, 250\$00. Extensa carta de uma «Assinante da casa dos 100»; «100\$00 para a Conferência» e um rol de questões pertinentes. Dez vezes mais, de Barcelos. O mesmo da assinante 9811, rogando ao Senhor que a proteja na velhice, «pois já tenho 71 anos». Por fim, de Santarém, «pequena ajuda, dada com muito amor, da minha pequena pensão. Trabalhei noutros tempos como vinctina. Hoje, os meus 83 anos não me deixam fazer mais...» Ainda se dá tanto, e tão bem, aos Pobres!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BEIRE

● AGRICULTURA — As nossas lavouras, este ano, estão muito atrasadas por causa do tempo. Choveu muito e não se pôde trabalhar, mas apareceram alguns dias bons e conseguimos fazer alguma coisa. Já semeámos dois campos; e outros dois estão para lavrar porque nasce água e não se podem lavrar; mais outro, que é o maior, ainda está com o azevém por cortar porque a nossa máquina tem estado muito avariada.

Andámos a schar as nossas batatas, que estão lindas e são fruto do nosso trabalho.

● HORTA — Plantámos os tomates e o cebolô e andam ainda a preparar terra para o resto dos tomates.

Já provámos as nossas ervilhas; e, daqui a algum tempo, as nossas ricas favinhas, semeadas pela primeira vez, este ano, cá em Casa.

● PORCOS — Há dois anos era o nosso amigo Tó que tratava dos nossos porcos; mas, como ele foi embora, temos agora o nosso amigo «Limão» que, uma destas noites, tomou conta de uma porca que teve mais uma ninhada de 9 porquinhos que são lindos. Morreu um e ficamos agora com 8 vivos, agarrados à mãe.

● NÉLITO — O Nélito, que é dos mais pequenos da nossa comunidade, foi aleijado numa perna por um vizinho que fazia dele um boi quando ia a caminho da Escola.

Nunca se deve fazer isso a ninguém, porque se fizermos isso uns aos outros é a Deus que estamos a ofender. Portanto, devemos é ajudarmo-nos uns aos outros — como Deus nos ajuda a nós em tudo o que for necessário.

● VACARIA — Na vacaria está tudo a correr bem. As nossas vacas continuam a dar bom leite e têm nascido muitos vitelos. Ainda ontem nasceu um e a vaca é boa de leite, o vitelinho lindo e grande que ele é!

O Óscar quando soube que tinha nascido mais um ficou admirado; é mais trabalho para ele, pois trata dos toirinhos mais pequeninos.

É um encanto vê-lo a dar o leitinho a eles!

● PISCINA — Dentro de alguns dias iremos começar a tomar banho na nossa piscina. Já estamos a precisar dele há muito tempo! Foi lavada e já está pronta para ele; é só quando o sr. Padre Baptista der ordem, porque é ele que tem a chave.

«Palhaço»

Paço de Sousa

● FUTEBOL — Conforme já tivemos oportunidade de esclarecer, a nossa equipa toma, agora, parte num torneio de futebol, em Paço de Sousa. Pertencemos à série A, juntamente com as equipas da Capela, S. Lourenço, Santa Luzia e Guedixe.

No dia 12 de Junho tivemos o nosso primeiro teste: defrontámos a equipa da Capela. Foi um bom jogo de futebol. Vencemos por 3-0.

No próximo encontro defrontaremos a equipa de S. Lourenço.

Esperamos que tudo corra pelo melhor para a nossa equipa.

● VISITANTES — A nossa Aldeia, como todos os anos nesta época, é visitada por centenas de pessoas.

As visitas mais frequentes, agora, são de alunos de vários graus de Ensino, que, ao findar mais um ano, aproveitam para visitar a nossa Obra e dar-nos um pouco do seu amor e carinho.

No dia 19 de Junho esteve, entre nós, um grupo de pessoas de Gondomar que passaram o dia connosco e participaram da nossa Missa, na capela, que não pôde conter todos os presentes, o que levou muita gente a ter de participar da celebração no pátio.

Esteve, ainda, outro grupo numeroso, dos Carvalhos, na companhia do nosso amigo Padre Barros. Muitos deles inscreveram-se assinantes de O GALATO.

Agradecemos a todos quantos nos visitam. E venham sempre, pois nós somos a Porta Aberta.

● PRAIAS — A nossa época balnear já principiou, em Azurara (Vila do Conde).

Como a Escola Primária terminou mais tarde, o grupo dos mais pequenos, que abriam o tempo de praia, irá mais adiante, sendo agora substituído pelo grupo dos mais velhos.

Desejamos que tudo corra sem problemas em todos os aspectos. E tentaremos dar notícia aos nossos leitores sobre cada turno, no final das suas férias.

● PROFESSÃO DE FÉ — Apesar da notícia ser um pouco atrasada, contudo não queremos deixar de dar a conhecer aos nossos leitores um ponto significativo que marcou a Festa do Corpo de Deus, em nossa Aldeia: a Profissão de Fé.

Como vem sendo hábito, após uma breve reflexão, organizámos a procissão eucarística que percorreu a nossa Aldeia. Depois, foi a Santa Missa e, frente ao altar, estavam 12 rapazes nossos preparados para fazerem a Profissão de Fé, ficando, assim, mais ligados a Deus e à Igreja. Este dia tão belo, que é a Festa do Corpo de Deus, fica sempre marcado na lembrança de todos.

Carlos Alberto

Tojal

● PEREGRINAÇÃO — Os nossos rapazes da Escola Primária foram em peregrinação a Fátima.

As senhoras prepararam o almoço e tudo o mais, de véspera, e aí fomos no dia seguinte.

Foi um dia grande, cheio de júbilo!

A Casa, neste dia, ficou quase sem vida! É a falta dos mais pequeninos. No refeitório nem se ouvia uma mosca e nós habituados a uma certa algazarra: «Ó Tó faz mais sopa; ó «Frutas» pede ao Óscar que lave melhor esta peça de loiça.» É o Samuel que chora porque o Nuno lhe tirou a colher. Enfim, um certo número de coisas que demonstram o que somos e como somos, desde a prenda anónima aos gestos de carinho — como no dia 6 em Fátima...

● Chegámos. Chuva miudinha. O panelão do arroz fumegante... (as senhoras levantaram-se cedo a pô-lo ao lume!); a saca de pães que o Zé do Porto e Mesquita — nossos padeiros — fizeram em cozedura especial; os 75 «discos voadores» (leia-se pratos) a fruta; a doçaria. E o milagre: Lá vai mão amiga dar-nos abrigo em refeitório com mesas, cadeiras, água, casa de banho, janelas largas de vidro e todos à mesa a saborear a chuva que lá fora agora cai a va-



TRIBUNA DE COIMBRA

Devia fazer um relato da romaria das nossas Festas. Devia, sim senhor. Mas não dou conta. Não sei dizer. Alguns dos nossos mais pequenos já perguntaram se «pró ano há Festas»!

A resposta tem de ser sempre um sorriso de esperança. Foi assim que nos despedimos em todas as terras.

Os beijos, os abraços, o dinheiro, os bolos, os rebuçados, o mundo de embrulhos, os sorrisos e as lágrimas são sempre a nossa despedida até ao próximo encontro. Que maravilhosos são estes encontros!

Vou procurar dar conta dos que vêm por carta, por cheque, por vale, pela visita, por outros modos. São também encontros.

500\$00 em vale, da Figueira; mil, em carta, de Coimbra; cheque de Coimbra a recordar alguém que o Senhor chamou há pouco; cinco mil do povo da Sanzedinha; onze mil que vieram trazer; mil de senhora vizinha; mil, de vizinho, pelas Almas; quatro mil da Liga Eucarística de Serpins; 3.200\$00 da Escola do Magistério de Coimbra; mais cheque de Coimbra; vale da Lousã; peditórios em igrejas; vale de Leiria; cheque da mesma terra; cheque de Oli-

veira do Bairro; vale de Arganil; cheque de Engenheiro, de Lisboa.

Um grupo de portugueses cristãos, na Alemanha, mandou 37.771\$00; cheque da Nazaré; cheque da Damaia; 1.041\$ do Instituto Botânico de Coimbra; a presença sempre quente do Amigo, agora em V. N. de Famalicão; vale de Pombal; cheque de Pereira do Campo; vale de Condeixa; vale do Porto; a mão de sacerdote em Mira e uma carteira encontrada na mesma terra; vale e cheque de Unhais da Serra; vale de Soure; visitantes de Castanheira de Pera; 360\$ dum grupo de totobolistas de Figueiró dos Vinhos; lembranças ao vendedor de Tomar; lembranças de família da Feiteira; dois mil de Leiria; mil em cheque de Alpedrinha; lembrança da Escola Primária de Juncal do Campo e agora a visita com familiares e muitos mimos; mimos e dinheiro na minha aldeia; cheque de velho casal amigo agora a viver em Matosinhos; vale do Fundão; vale da Sertã.

Lembranças dos netinhos, muito amigos, de Mação; a presença muito frequente de Meãs do Campo; a ida a restaurante

do Cabo Mondego; sacerdote de Trancoso veio com cheque; encontro com conterrâneos, em Fátima. Já nos temos encontrado muitas vezes; mais um vale de Leiria; a visita de jovens estudantes de Gouveia; o dinheiro, os mimos e a mensagem da Escola de Meimosa; cartas de Castelo Branco; cartas da Covilhã; a vinda das crianças da Catequese e familiares de S. António dos Olivais; 200\$ ao vendedor de Castelo Branco e 2.500\$ para livros; da Covilhã, a recordar a Mãe e o Irmão; lembrança de antigo gaiato de Malanje; peregrinos de Fátima que dormiram e teimaram em deixar gotas do seu suor e sangue de suas feridas; vale de Chão de Lamas; vale de Góis; cheque de Oeiras; a Casa do Povo de Mira abriu as portas e também entregou oferta. Gosto muito que as gentes da minha terra sejam generosas e Padre Acílio disse-lhes isso mesmo.

Vale de Serradelo; vale de Febres; a visita de casal a viver na Alemanha; vale de Abrantes; cem dum militar; o óbulo da Viúva pobre; as coisas pessoais de Amigo que, antes de morrer, desejou fossem para nós; sempre mãos

que encontro nas idas a Santa Cruz.

Já há muito que Amigos começaram a conhecer melhor o caminho para o nosso Lar de Coimbra — ao Cidral — e cada vez são visitas mais frequentes. A maior parte são mãos escondidas. Só Deus dá conta.

A Casa do Castelo — na Sofia — continua a ser o nosso depósito na Baixa. A Maria Teresa, quando me vê entrar, dá logo sinal nos olhos e no rosto. Se muito sorriso, há mui-

tas cartas na pequenina pasta. Se cara triste... «hoje tem pouca sorte». Mas há sempre. E coisas tão boas! E cartas tão lindas! E desabafos! E orações! E recados! Tudo tão bom!

Em Miranda do Corvo têm aparecido grupos, escolas, turmas escolares, passeios parquiais e também visitas particulares. É sempre tão bom sentirmo-nos amados!...

Padre Horácio

Partilhando

● A carta vinha de Lisboa e falava-nos a propósito dos «Retalhos de vida» do «Punk»; assim:

«Há tempos, no vosso jornalzinho, vi que um dos vossos rapazinhos, o «Punk», faz anos no dia 19 de Junho. Pois acontece que eu também faço anos no mesmo dia, mas com a diferença de que ele completa 15 anos e eu 83. É o começo e o fim de uma vida. Que a dele comece com Deus e a minha com Deus acabe. São os votos que

nesse dia formularei ao Céu. Envio-lhe 1.000\$00 de prenda. Quero que ele se sinta satisfeito por saber que cá longe há uma pessoa que se lembra dele, embora não o conheça. Para mim, basta pertencer à Casa da Galato.»

E a carta dizia muito mais. Muitos conselhos, muitos parabéns e muita Amizade. Uma avó amiga não diria mais nem melhor a um neto, no dia do seu aniversário. A força desta grande Família que é a Obra da Rua! Não há barreiras... nem idades nem distâncias! Tudo é próximo, por causa do Próximo. E só o Amor nos aproxima de Deus.

Mas a nossa pequenez é grande! Vejamos: Nesse mesmo dia em que a carta mais bonita nos chegava às mãos, o «Punk» rachou a cabeça ao «Gágá». Questões de trabalho; os nossos trabalhos! O primeiro estava fora do lugar. O segundo chama-o à atenção. Daí nasce a discussão. Não safu luz, mas sangue. Palavras, muros e um taco de madeira...

Faz-se o tribunal. O «Punk» vem ao meio para ouvir melhor a leitura da carta amiga que lhe foi dirigida. Atrás de si está a cruz grande feita de pedra. A sua frente, as escadas que dão para a capela e escolas, cheias do olhar intenso e amigo de quase 180 companheiros. O silêncio que se faz é também uma parcela do castigo. Eu sinto esse peso a cair para dentro. É sempre um momento importante e amargo da nossa vida! E quanto bem dali vem pelo mal que assim se evita!...

O «Punk» perdeu o direito à prenda prometida. São os 15 anos a passar, com sangue na guelra e nas cabeças. As gotas de sangue da nossa vida! Que assim se vai perdendo por aquelas...

● A nossa quinta, nesta época do ano, fica cheia do cantar dos passarinhos. Ainda o dia está para chegar e já eles cantam nos beirais das nossas casas ou nos cedros da avenida. Assim acordam e acordam toda a gente. As pombas, de manhã cedo, descem aos terreiros e aí passeiam à procura da sua comida, antes do nosso pequeno-almoço.

E como se isto não bastasse, há gaiolas e pombas por todos

Cantinho das Senhoras

No passado fim-de-semana — dias 18 e 19 de Junho — realizou-se, em Mira, o Encontro de Senhoras da Obra da Rua.

A confraternização decorreu num ambiente agradável e franco. Longe do bulício e da vida agitada, característica das nossas Casas, pudemos reflectir e partilhar em conjunto não só os problemas, as preocupações do dia-a-dia, mas também as alegrias próprias de quem se sente realizado na vida, procurando dar resposta à mensagem exigente do Mestre: «Quem quiser vir após Mim, pegue na sua cruz todos os dias e siga-Me».

A necessidade de vivermos em comunhão, a nossa disponibilidade interior, o «mergulhar» dentro da mística da nossa Obra, foram alguns pontos expostos pelo sr. P.e Telmo, que orientou este Encontro.

No domingo, após a celebração eucarística — ponto culminante do Encontro — o almoço de despedida, onde já não se ouvia falar de problemas, de sacrifícios, mas viam-se, sim, semblantes alegres, despreocupados, que traduziam, afinal, a serenidade e a paz interior.

Finalmente, a despedida; o regresso de cada uma às suas Casas; o recomeçar, de novo, a vivência da mesma luta diária, mas encarada, porém, com uma disponibilidade interior renovada e diferente.

Maria José

ler! Deixa cair que os «patinhos» têm asas que abrigam...

No fim, com tempo de sol, fomos à Capelinha.

Mais atenções. Um grupo dirigido por três religiosas prepara-se para rezar o Terço. Esperam. Chegam os gaiatos. Não escolheu Nossa Senhora três crianças pobres? Bem vão as discípulas que praticam com tal Mestre.

Os gaiatos foram convidados a ir ao micro rezar... A voz infantil do Armando e do Augusto rezando a Avé-Maria, encheu a Cova da Iria, subiu à frente das outras vozes que os acompanharam e esperamos que tenham chegado ao Céu.

Para além da peregrinação aproveita-se sempre o pouco tempo que possa restar para entrar em contacto com a nossa História, monumentos das redondezas, o contacto com a Natureza, visitando as grutas de Mira d'Aire ou Santo António.

Para o ano, se Deus nos der vida e saúde, lá estaremos em Fátima para agradecer a Nossa Senhora todas as graças concedidas ao longo do ano.

BAPTEZADO — Dia 2 de Junho, Festa do Corpo de Deus, baptizámos o José Fernando, nosso há pouco mais de um ano. Idade: conta 4 dos cinco dedos da sua pequena mão negra...

O Baptismo é para o cristão o primeiro sacramento instituído por Cristo.

Foi então dito aos presentes que o Baptismo não era nenhum acto de bruxaria, tal como muitos costumam praticá-lo. Apenas levando os filhos ao Baptismo ou participando em festas religiosas só porque é giro, porque é tradição e, por vezes, medo.

O Baptismo é Sacramento de adopção na Luz, na Verdade, na Vida dos filhos de Deus.

Por muito que lhes custe, os pais terão que se empenhar em levar para a frente o compromisso tomado pelo crescimento e educação na Fé dos filhos; e como todos somos filhos, podemos dizer de todas as crianças e jovens.

Ainda a propósito, diz João Paulo II: — «Conscientes de que o vosso lar é a primeira escola de valorização humana dos filhos que Deus vos deu... incumbe de tudo dispor, até de exigir, para que os vossos filhos possam progredir harmonicamente, na ascensão para a vida, apoiados numa conveniente formação humana e cristã».

Dás a tua participação para que seja assim, na tua casa, na tua paróquia, no teu meio de trabalho?

DOENÇA — Como bem sabeis o nosso Padre Luiz foi recentemente submetido a uma operação e tudo está a correr muitíssimo bem, graças a Deus.

Durante a intervenção cirúrgica, e hospitalização, muitos amigos o visitaram e animaram. Alguns vindos de grandes distâncias. Os telefonemas de extrema preocupação e carinho choviam a toda a hora.

Não sabemos como agradecer. Mas deixamos aqui presente a nossa consolação. Bem hajam, Amigos!

Contudo, esperamos, ansiosos, a sua reabilitação.

MERENDA — Não é que as pessoas sejam insubstituíveis, mas uma coisa é certa: deve-se dar o valor a quem o merece e, neste caso, ao Jorge Cruz. Pois foi ele que suportou, durante alguns anos, a responsabilidade das nossas Festas.

Como bem sabeis, o Jorge casou. A sua vida alterou-se por completo. Para além de estar fora da Casa, é também pai de uma menina que tem por nome Ana Luísa.

Não tivemos Festa este ano! Não quer dizer que tenha sido só por falta do Jorge. Não! A Festa, e seus preparativos, põem sempre em grande rebelião a comunidade e envolve muito trabalho e sacrifício.

Os nossos Amigos de Loures ao tomarem conhecimento que não iria haver Festa, organizaram-se e vieram até nós com a sua boa disposição.

Foi uma tarde de domingo bem passada em que se recordaram rapazes e números que mais os apaixonaram.

Não se esqueceram! Trouxeram uma rechada merenda, como é habitual, servida no final de cada Festa. Era como se houvesse Festa! E houve, de facto, Festa com alegria, sobretudo um encontro de Amigos de fora e de dentro.

A todos, em especial aos de Loures, o nosso bem hajam.

AGRICULTURA — Há muito que ansiávamos por alguém que orientasse a nossa agricultura. Finalmente, encontrámos. É de Faveiros. Um jovem casal com um rebento muito formoso: a Ana Filipa.

Não é que tenhamos estado parados, mas agora floresce a esperança de a nossa agricultura poder prosperar, com o nosso trabalho e a orientação do sr. Luís.

Já começámos e, pensamos, da melhor forma. Os fenos estão ceifados ou cegados. A batata, tal como nos outros anos, os mais velhos vão tirá-la do solo pela fresquinha e rotativamente para não sobrecarregarem as oficinas tão carecidas.

Quanto aos outros produtos hortícolas dão mostras de prometerem boa colheita! O feijão verde já chegou à cozinha; e, pela amostra, no refectório, que bem que sabe...!

Luís Eduardo

Cont. na 4.ª página

Novos Assinantes

Têm sido muitos, graças a Deus; e n'Ele esperamos permanecer em maré cheia. Andamos nos cinquenta mil jornais em cada tiragem e desejamos que o número cresça sempre, não pela paixão dos grandes números, mas para que a Paixão de Cristo continuada em Seu Corpo Místico, em multidões de membros Seus sofredores, não deixe adormecer os que alguma vez escutaram o Mandamento do Senhor e querem vivê-lo «em obras e em verdade».

Sabido como é fraca a nossa carne e frágil a memória das boas resoluções, todos precisamos de estímulos que nos conservem vigilantes, de «fermentos» que ajudem a digerir as impressões que os sentidos captam e os transformem em estados de alma, assimilados, que tornem o homem inconformado — inconformável, diria melhor! — perante estados de injustiça que são chaga aberta na face do nosso mundo e podem ser remediados se, ao menos, os que acreditamos em Jesus-Salvador — nem Outro há em que haja Salvação! — afinarmos o nosso pensamento pelo Sermão da Monta-

nha e actuarmos consequentemente.

O coração, sim, dá calor ao pensamento e vida à acção! Mas ai se vivemos só dele, que depressa cansa, em breve se afaz!

O GAIATO é um pequenino instrumento deste necessário despertar do coração, da inteligência, da vontade — desta salutar vigilância em que Deus nos ache quando vier por nós, para Lhe merecermos o «eugel» reservado aos «servos bons e fiéis».

É um semeador de inquietação. E porque há húmus divino nas almas e ela tem germinado e produzido tantos e tão bons frutos, ao gosto acre da denúncia dos males mescla a doçura dos bens alcançados e o sabor resultante é de consolação pelo que se vai fazendo e de esperança pelo que podia ser feito se fôssemos mais e fôssemos mais além. Bendito seja Deus!

É esta a razão do nosso proselitismo. É neste espírito que temos ido pelas Paróquias apresentar o jornal como lugar de encontro de homens de boa vontade, insatisfeitos do mundo que temos, esperançados

num mundo melhor que está à nossa mão, assim contemos com Cristo no meio de nós. Pai Américo é um exemplo. A sua Obra uma experiência viva, demonstrante.

Por isso, em cada jornada, sempre pedimos que ninguém profane, gastando o pouco tempo de que dispomos para a tarefa, a saber das vulgaridades materiais. A nossa Doutrina é esta que Pai Américo expôs muitas vezes e, com tanta beleza, no jornal de 24 de Janeiro de 1948: «Como actualmente resolvemos não publicar nomes e quantias, pode muito bem acontecer que os novos assinantes fiquem sem saber quanto hão-de dar pelo jornalzinho. Sim, porque no texto não aparece preço nem condições de pagamento. Nós somos uma Obra silenciosa. Não dizemos, não publicamos nada. O bulício é todo dentro da alma dos leitores. Dentro deles nasce o desejo e a quantia e a data e a maneira e tudo o mais que diz respeito à forma de pagamento. Não se paga; dá-se uma quantia. Há coisas que estão fora e acima dos mercados. Nós não vendemos; damos o jornal. Quem lê, não paga. Dá-nos, também, naquela medida em que dele recebe».

Pois que, para receber do jornalzinho é necessário lê-lo — eis o único preço, o preço essencial: Cada jornal, um leitor. Ou, melhor ainda: em cada lar, um jornal; e tantos leitores quantos são os desse lar.

É nesta condição de plena liberdade que propomos as novas assinaturas. Liberdade que implica um compromisso: o compromisso de ler.

Quem não sabe, quem não gosta, quem não tem tempo, por favor, passe adiante e não confunda — que o Famoso embora seja na verdade centro de uma imensa comunhão de bens, não é pretexto para aquisição de bens, senão aqueles que produzem o bulício dentro da alma dos leitores».

E se capazes fôssemos de descobrir entre cinquenta mil nomes os que, possivelmente,

principalmente os mais vadios que não estão habituados a fazer nada, vendo os outros trabalhar também querem ser úteis em qualquer ocupação. Como gostaria que as ideias de Pai Américo nunca se perdessem!

João José (16 anos):

Se não fosse o Pai Américo a maior parte dos que cá estão, e estiveram, seriam abandonados, sem família. Hoje há tantos, e tão bem na vida! Por isso, tenho a agradecer a Pai Américo a sua bondade pelos rapazes da rua.

Como educador foi um grande pedagogo. Para ele não havia rapazes maus; a sociedade é que os faz maus. As armas da educação são o carinho, a justiça e a verdade.

Aqui deixo uma saudade à sua memória e um obrigado.

serão de leitores-mortos, crede que muito estimaríamos riscá-los do nosso ficheiro para evitarmos papel enganadoramente impresso; porque, mesmo materialmente compensado, não deixa de o ser em vão se não vai fazer bulício dentro das almas. Por amor delas, «aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza; prepare-se como quem vai falar de Deus». Por amor delas, «n' O GAIATO não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século, que todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas». Por amor delas, «pela força e crédito dos seus escritos, defen-

dam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre». Por amor delas, «não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos; antes deixar tudo à generosidade espontânea de cada um».

«O GAIATO — como toda a Obra da Rua — nasceu com este espírito e assim tem de continuar para ser através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais deturpe».

Esta é a palavra de ordem que Pai Américo nos transmitiu e nós queremos transmitir a todos e cada um dos nossos leitores: «Que ninguém jamais deturpe».

Padre Carlos

Reflectindo

Trago-vos hoje uma carta recebida, aqui, há algum tempo — e que guardei para reflectir convosco — escrita por uma neta por ocasião da morte de sua avó. Vamos lê-la:

«Como mais velha das três netas, envio esta quantia em memória da nossa avó, de quem muito gostávamos.

Costumávamos dizer-lhe que era a Avó melhor do Mundo! Sempre teve uma grande admiração pela vossa Obra e era com interesse e até entusiasmo que lia todas as notícias do jornal O GAIATO.

Aprendemos com ela muitas coisas, e embora o acontecido seja triste, não deixa de ser ocasião para aprendermos ainda alguma coisa: ajudar os Outros.

Não que antes não pensássemos nisso, mas quantas vezes se está para fazer ou dizer algo, e, preguiçosa ou comodamente, se vai sempre adiante até ao momento em que somos

alertados (normalmente por algo «desagradável»).

Pois bem, cá estamos! E como para além de «não deixes para amanhã o que podes fazer hoje», existe também um «mais vale tarde que nunca!»

Até breve.»

Palavras simples que me parecem cheias de significado. Uma vida que deixa rasto, que ao acabar segreda um acto de generosidade. Uma maneira positiva de encarar a dor. O desgosto é ainda ocasião de aprender alguma coisa: ajudar os Outros. A maneira cristã de aceitar a dor: olhar para as dores dos Outros.

Ainda uma ideia que me parece extremamente digna de reflexão: Adiamos tantas vezes o bem que deveríamos fazer, e às vezes só o sofrimento nos faz ver e agir. «Mais vale tarde do que nunca»...

É sempre tempo!

Padre Abel

Partilhando

Cont. da 3.ª página

os cantos da nossa Casa! Até o terraço da casa-mãe, que pertence aos «Batatinhas», lá tem a sua rolinha, que canta o dia inteiro, D. Virgínia arranjou-a e os «Batatinhas» aí brincam, mais felizes.

Tudo isto vem a propósito dos ninhos que, em nossa Casa, são uma fonte de alegria e de problemas também. «Periquito» é acusado pelo «Príncipe» de andar a mexer num ninho que estava na sebe das nossas ribanceiras. «Periquito» — que apelido mais bonito! — destoa assim da sua raça. Raça de criança que perdeu o seu ninho e não se conforma... Depois da visita de sua mãe, em um dos

últimos domingos, deu-lhe, mais uma vez, saudades da sua terra... Então, como sempre, adoece! Desta vez, a doença é sono. Dorme de dia e de noite, de pé ou sentado, a trabalhar ou a comer. E, como ninguém o tem embalado, está lentamente a acordar para a realidade — sem doenças... de ocasião!

O Nave — chefe da «denha» — nas horas do trabalho teve uma acção importante na cura do acordar do «Periquito»!

Eles — médicos e educadores uns dos outros. É esta medicina caseira, feita aqui, dia-a-dia, no serviço pelos Outros, que faz o milagre da cura do sono do «Periquito». De tantas curas de muitos «Periquitos» que têm aqui o seu ninho-único!

Padre Moura

EVOCAÇÃO

Cont. da 1.ª página

universalização dos problemas, ao homem do século anterior, personalista e individualista. Nem os atavismos do passado, nem as ideias prosaicas e aliantes dos princípios do presente. Impera nele um realismo são e construtivo que permite apresentá-lo como homem do seu tempo e como homem actual».

Esta brevíssima evocação seria incompleta se os mais novos — a despontar para a vida neste Santuário de almas que é a Obra da Rua — não marcassem presença significativa. Ai estão eles com o coração nas mãos! Assim, procuram conhecer Pai Américo; e como Deus se serviu dele para a Obra da Rua ser e fazer de nós («Lixo das ruas») — pelas Casas do Gaiato — homens úteis à Pátria.

Mais: desta forma, com simplicidade, seguimos a pista doutrinas famílias que (ainda) guardam religiosamente — como sagrado tesouro espiritual — os perenes valores dos seus Maiores.

Júlio Mendes

José Carvalho (13 anos):

Pai Américo foi amigo dos Pobres e das Crianças abandonadas.

Ele pedia nas igrejas e em todos os lugares as pessoas ajudavam-no.

Pai Américo tinha muita pena dos Pobres e dos Rapazes que andavam a comer nos caixotes do lixo. Por isso, construiu a Obra da Rua.

Eu gostaria muito de o ter

conhecido e de lhe dar um abraço, porque foi um santo para todos nós. Se não fosse ele, muitas crianças, a esta hora, teriam morrido de fome.

Manuel Marques (14 anos):

Se não houvesse Casas do Gaiato eu andava pelas ruas, abandonado, a pedir comer e todo roto. Não havia Família para mim. Andava sozinho. Foi por causa dos rapazes, como eu, que Pai Américo fundou as Casas do Gaiato, para que nós não passássemos fome.

Eu não conheci o Pai Américo, mas gosto dele porque fundou as Casas do Gaiato. Ele é um santo, pois criou muitos rapazes que andavam nos caixotes do lixo a comer restos de comida. Educou-os e, hoje, são homens que trabalham, muitos já casados e bons chefes de família.

Paulo Alexandre (15 anos):

Pai Américo foi um grande Homem e Sacerdote. Fundou a primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, para recolher todos os pequenos abandonados e fazer deles Homens. Ele era rico e deu toda a sua fortuna aos Pobres.

Para o Pai Américo não havia rapazes maus, pois tinha um grande amor pelos seus rapazes.

Nós somos educados na liberdade para, assim, adquirirmos responsabilidade. O portão está sempre aberto. Quem quiser pode ir embora. Todos nós trabalhamos. Cada um tem a sua tarefa. Os que chegam, e